

Título do Estudo: O Lugar e o Não Lugar da Expressão Plástica nos Projectos Curriculares nas acções dos Educadores de Infância	
Guião de observação dos contextos em estudo	
Data da Observação: 31 de Janeiro de 2008	Hora da Observação: 10h/12h
Contexto da Observação: (neste item refiro-me à identificação do jardim de infância)	
Actividade observada (orientada ou jogo espontâneo): Pintura com berlindes.	
Espaço utilizado para o desenvolvimento da actividade: Sala de actividades (1º momento na manta e 2º momento na mesa na área da plástica).	
Intervenientes: Educadora C, auxiliar de acção educativa e crianças da sala de 3 anos.	
Introdução à informação recolhida por observação directa: a actividade foi realizada por um pequeno grupo de sete crianças, enquanto as restantes desenvolveram uma actividade de motricidade na sala polivalente.	
Registo da observação em contexto	
<p>Num momento inicial, na manta, a educadora explorou com as crianças algumas das características dos berlindes, incentivando a criança a observá-los e a tecer a sua opinião acerca das cores, tamanhos, brilho, peso, transparências, o som ao bater no chão e nos outros berlindes, entre outras características. Uma das crianças ficou maravilhada com um dos berlindes e exclamou com muito orgulho: “Olha, parece que tem água lá dentro!”. A educadora valorizou essa interpretação, tal como as restantes intervenções das crianças, e mostrou a todas esse berlinde chamando a atenção para a característica enunciada pelo M.</p> <p>Após esta exploração das características dos berlindes a educadora pergunta ao grupo para além de poder brincar com eles na manta que outras coisas poderiam fazer com eles [berlindes]. Uma das crianças diz que poderiam fazer música, sugerindo que se batessem uns nos outros. Outra das crianças responde que podiam fazer o jogo de pintar que fizeram “no outro dia”. Nesse sentido a educadora vai questionando as restantes crianças</p>	

<p>sobre se estão de acordo com isso e o que precisam, para além dos berlindes, para fazer esse “jogo”.</p> <p>Entretanto, com a excitação uma das crianças bate noutra, o que deixa a educadora muito apreensiva. A educadora dirige-se ao menino que bateu e perguntou-lhe “para que servem as mãos? Serão para bater ou para fazer coisas bonitas como pintar?”. Todos respondem que é para fazer coisas bonitas e o menino pediu desculpa ao amigo, sendo incentivado pela educadora que dialogassem e resolvessem o conflito.</p> <p>Entretanto, dirigiram-se todos para a mesa e foram conversando com a educadora sobre o que necessitavam para o jogo e confirmando se os materiais aí previamente colocados pela educadora eram suficientes ou se faltava alguma coisa.</p> <p>A educadora foi problematizando a situação questionando as crianças sobre o que seria necessário para fazer a “obra de arte”.</p> <p>As crianças confirmaram a necessidade das caixas, dos berlindes e das folhas de papel. Entretanto, a educadora foi perguntando o que se seguia na preparação do jogo e as crianças experimentaram encaixar a folha na respectiva caixa. Após esta fase a educadora perguntou então o que faltava para se poder começar o jogo. As crianças sugeriram as tintas, que ainda não estavam colocadas nas mesas, e uma de cada vez, foram buscar o boião de tinta da cor que queriam. À medida que cada criança trazia o seu boião, a educadora ia repetindo com eles qual era a cor. Algumas das crianças não sabiam identificar pelo nome atribuindo o nome de “cor do Porto ou cor do Benfica”.</p>	<p>Existia uma caixa para cada criança e um número de folhas de tamanho A4 superior ao número de crianças.</p>
---	--

Entretanto a auxiliar de acção educativa, que estava a apoiar a educadora na actividade, sugeriu que se identificassem as folhas com o nome de cada criança antes de começarem a pintar, ao que a educadora respondeu afirmativamente valorizando esse contributo da auxiliar.

Escolhidas as cores a educadora e a auxiliar apoiam as crianças a colocar a tinta sobre as folhas. Quando uma das crianças está a colocar demasiada tinta a educadora previne-a do que aconteceu “da última vez” em que puseram muita tinta e abriu um buraco no papel. Embora muito excitadas, as crianças mantiveram-se muito sossegadas e pediram apoio de uma forma muito ordeira respeitando a vez dos outros. A educadora foi mediando as interacções das crianças remetendo para regras que tinham sido combinadas previamente com o grupo e relembrando que o “jogo ainda não começou”.

Já colocados a folha, a tinta e os berlindes dentro da caixa e concluído pelas crianças que estava tudo pronto para se começar o jogo a educadora diz: “Berlinde cá, berlinde lá, vamos ver a cor que isso dá!”

As crianças começaram a movimentar as caixas e de acordo com as situações que foram surgindo a educadora foi apoiando o grupo e intervindo quer para estimular as crianças, quer para ajudar a resolver pequenos conflitos ou dificuldades ou dúvidas evidenciadas: repetindo a frase inicial que deu início ao jogo (muitas vezes de forma cantada); “Não vale pôr a mão, é um jogo”; “Vamos ver o caminho que o berlinde faz”; “Olha a tinta à espera que passes por cima ela [com o berlinde]”; e trauteando a canção “A caixinha de cores”, cujo registo gráfico se encontra afixado na área da

plástica.

À medida que as crianças foram terminando dirigiram-se com a auxiliar ao corredor para colocar os trabalhos a secar e foram pedindo para fazer mais e para experimentar com um maior número de berlindes e outras cores. Neste processo de colocar a secar a educadora incentivou sempre as crianças a mostrar a “obra de arte aos amigos” antes de a levarem para corredor.

Entretanto, para poder experimentar com um maior número de berlindes um dos meninos tirou os berlindes da caixa do colega ao que a educadora questionou o porquê. Ele respondeu que queria fazer mais e a educadora perguntou-lhe, num tom calmo e pausado, se para fazer mais era preciso tirar os berlindes ao colega, apoiando dessa forma a resolução desse conflito.

Durante toda a actividade as crianças riram-se muito e divertiam-se ao descobrir relações entre intensidade dos movimentos, número de berlindes, quantidade de tinta, entre outros.

A S. integrou na actividade mais tarde e a educadora perguntou-lhe se gostaria de ficar na mesa com os colegas ou sozinha na mesa ao lado.

A S. escolheu ficar junto dos colegas e procurou um espaço para se sentar. A C. ficou sem tanto espaço para se movimentar o que inibiu um pouco os seus movimentos. Perante isto, por iniciativa própria a S. escolheu ficar sozinha na mesa ao lado. A educadora apoiou-a tal como aos colegas em todo o processo.

Durante toda a actividade a educadora foi estabelecendo relações com acontecimentos passados, no que refere às cores, a determinadas

<p>ações, a canções e histórias e chamando a atenção das crianças para as novas descobertas, como a criação de novas cores, entre outras mantendo as crianças interessadas e motivadas. À medida que as crianças foram ficando mais autônomas a educadora foi brincando com elas na exploração dos movimentos e valorizando e elogiando o seu trabalho: “Que giro! Estão tão coloridas!”</p> <p>Embora tenha incentivado a autonomia das crianças na resolução de conflitos com os colegas, por vezes, acabou por ser ela a resolvê-los, mostrando às crianças estar muito triste e desiludida com elas por essas atitudes.</p> <p>Todas as crianças que o desejaram puderam experimentar várias vezes.</p> <p>Chegou a altura de arrumar para dar a vez aos colegas. A educadora falou sobre as diversas fases do trabalho realizado e incentivou as crianças a cooperarem entre si na arrumação dos materiais.</p> <p>Todas as crianças ajudaram a arrumar as caixas, a arrumar as tintas e a lavar os berlindes e a mesa. Entretanto, a auxiliar ficou a arrumar o que faltava e as crianças dirigiram-se para a manta com a educadora, onde brincaram com os berlindes e onde falaram sobre o que tinham feito na mesa.</p> <p>A educadora referiu que tinham que colocar os berlindes na bacia para os colegas que iam fazer o jogo a seguir, mas algumas crianças mostraram relutância em fazê-lo, dizendo que eram seus. Mediante isto a educadora apelou à partilha conversando com as crianças baseada em exemplos concretos das vivências das crianças.</p>	
---	--